

OS ÍNDIOS URUBUS

RIBEIRO, DARCY, - "Os Índios Urubus", Ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical, - págs. 127-142 in Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. - São Paulo, Editora Anhembi, 1955.

O primeiro estudo etnológico dos índios Urubus foi apresentado ao XXV Congresso Internacional da Americanistas, em 1932, através de uma memória de Raimundo Lopes (1) em que expunha suas observações efetuadas dois anos antes junto àquela tribo. Então, êstes índios contavam apenas dois anos de convívio pacífico com a civilização e ainda não tinham sido visitados em suas aldeias. Nestas circunstâncias as observações de Raimundo Lopes se limitaram ao que era possível estudar com os índios que visitavam os acampamentos de pacificação do Serviço de Proteção aos Índios.

Voltamos a tratar desta mesma tribo neste XXXI Congresso Internacional de Americanistas com o propósito de noticiar um amplo programa de pesquisa e documentação etnológicas que está sendo levado a cabo junto de lá pela Secção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios e de apresentar um quadro geral de seu ciclo anual de atividades ligadas à luta pela subsistência.

Os Índios Urubus constituem a última tribo ainda relativamente numerosa representativa da cultura dos grupos Tupí que ocupavam a costa brasileira pro ocasião da descoberta e que mais influíram na formação do povo brasileiro. Um estudo aprofundado de sua cultura poderá contribuir, por isto mesmo, para uma compreensão mais acurada de uma das matrizes fundamentais da sociedade brasileira.

Êste é o propósito da pesquisa em curso que visa estudar exaustivamente aquêle grupo e documentar através do filme, da fotografia e de gravações sonoras, os aspectos de sua vida susceptíveis dêtes tipos de registro.

Ao lado dêstes propósitos pretendemos focalizar especialmente o processo de aculturação e assimilação dos índios Urubus e os problemas por - suscitados, num esforço de procurar novas e melhores formas de ação para a atividade assistencial do S.P.I.

Para levar à prática este programa, dividimos a pesquisa de campo em três etapas combinadas de modo a cobrir, sucessivamente, os doze meses do ano, a fim de observar as variantes do comportamento nas várias estações. A primeira etapa no campo teve início em Dezembro de 1949 e se prolongou até Março de 1950. Nesta viagem fizemo-nos acompanhar pelo linguista Max Boudin encarregado de levantar e descrever a língua dos índios Urubus e pelo cinematografista Heinz Toerthmann incumbido dos serviços de documentação (2). A segunda viagem cobriu os meses de Agosto e Novembro de 1951. Nesta, participou um estudante de Oxford, Francis Huxley, que, a pedido da Escola de Sociologia e Política de S. Paulo, nos acompanhou com o propósito de colher material para uma tese de doutoramento.

O terceiro e último período de trabalho de campo deverá realizar-se futuramente, cobrindo o período de Abril e Agosto que falta para completar o ciclo anual.

Os índios Urubus falam um dialeto tupi do grupo HÊ, ou seja dos que assim pronunciam a primeira pessoa pronominal. Segundo Curt Nimuendajú este grupo compreende além dos Urubus, os Tenetehara, os Amanayé, os Turiwara, os Anambé e os Oiampí. Todas estas tribos, com exceção desta última que se deslocou do Xingu para o Oiapoque, têm seus territórios entre os vales do Tocantins e Pindaré onde formavam um bloco de povos Turí. Destas várias tribos, os Turiwara são os que mais se aproximam linguisticamente dos Urubus, e Curt Nimuendajú sugere mesmo a possibilidade de que "constituem divisões locais de único povo" (3).

Vivem na orla oriental da floresta amazônica que se projeta para o Estado do Maranhão entre os rios Gurupí, a oeste; Turiasú, a este, o Igarapé ao sul e o Gurupiuna e Parauá, respectivamente, afluentes do Gurupí e do Turiasú, ao norte. Dentro deste vasto território estão distribuídos em vinte e cinco grupos locais que variam de quinze a sessenta pessoas, localizadas invariavelmente junto de pequenos cursos d'água que nascendo na Serra do Tiracambú correm para aqueles rios.

Esta localização interior, longe dos grandes rios, deve ter sido resultado de processos de competição ecológica em outros grupos e com os civilizados. Hoje, porém ela é de eleição dos índios Urubus que não sabem construir embarcações, nem tendo técnicas de pesca aplicáveis aos grandes rios, não poderiam viver à margem deles.

A história recordada d'êste índios indica que êles começaram a transpôr o Gurupí para seu território atual, acossados por estratores de produtos florestais, na segunda metade do século passado. Uma genealogia - de mil e duzentos nomes com os respectivos lugares de nascimento e morte que nos foi ditada por um índio Urubu permite a reconstrução, passo-a-passo, desta migração do Acrá ao Capim, daí ao Guamá, em seguida, ao Coracy, afluente da margem esquerda do Gurupí, depois ao Gurupiuna, já na margem direita, onde hoje se encontram.

Êstes dados são confirmados por referências bibliográficas como - Gustavo Lódt (4) que subiu o Gurupí em 1872 e se refere aos índios Urubus como tribo isolada que vivia no lado paraense, entre as nascentes do Coracy e do Piriá. transpondo às vêzes o Gurupí, mas raramente disparando flechas sôbre viajantes ou casa. Arrojado Lisboa (5) que subiu o Gurupi em 1895 descreve-os vivendo no lado maranhense e já como flagelo da região por seus ataques que ameaçavam desalojar tôda a população civilizada do vale.

Estas lutas prosseguiram até 1928 quando foram pacificados pelo Serviço de Proteção aos Índios. Desde então têm vivido em paz, mas isolados, só tendo contatos raros e circunstanciais com civilizados através do pessoal dos Postos Pedro Dantas e Felipe Camarão do S.P.I.

Os índios Urubus contam pois, cêrca de 25 anos de convívio pacífico com civilizados que já lhes custaram mais de metade da população, vitimada por doenças como a gripe, o sarampo, a coqueluche e outras que desconheciam antes. Mas, excetuando-se os efeitos dissociativos da depopulação e certos sintomas de traumatização de alguns aspectos da cultura, êles conservam, no essencial, o sistema adaptativo tribal ou seja, as técnicas e o saber tradicional através dos quais se relacionam com a natureza para tirar dela os artigos de que necessitam e cujo estudo é objeto desta comunicação.

O território tribal é coberto pela floresta típica das terras firmes da Amazônia, formada de árvores muito altas, mas geralmente finas, pouco espaçadas, relativamente pobres de cipós, lianas e da vegetação rasteira e espinhosa que tanto dificulta a marcha nas matas de terra alagadiça.

O sistema de irrigação desta região sofre tamanha variação estacional que numa mesma área se pode sofrer sede no verão, quando todos os cursos d'água estão coalhados ou secos e defrontar-se com imensas dificuldades de travessia no período das enchentes quando igarapés, antes apenas perceptíveis, enchem de tal modo que se torna possível navegar por êles.

É uma região pobre de caça. Pode-se andar grandes extensões, até mesmo dias sem surpreender uma só peça de grande porte como antas, veados, porcos do mato ou onças. As grandes aves como o mutum são também raras; as menores vivendo acima da cobertura verde, nas copas das árvores onde amadurecem os frutos de que se alimentam, raramente se fazem notar. Quase só ao amanhecer e ao anoitecer se impõe a presença da fauna pelos côros dos bandos de macacos, principalmente guariba, e pelo canto de certas aves.

A cultura dos Índios Urubus é, em grande parte, uma adaptação especializada à vida nesta mata. A própria auto-designação tribal - KAAPOR - (moradores da mata, silvícolas) talvez denuncie mais sua íntima identificação com a floresta que o sentido de uma oposição à gente que vive à margem dos rios ou nos cerrados. O certo é que a mata se inscreve em sua mitologia como um dos temas mais constantes e mais elaborados. Um dos feitos mais relevantes atribuído ao seu herói-civilizador fala da criação da floresta. De certas árvores foram feitos os homens nações e suas diferentes características são explicadas pelas diferenças de qualidades das madeiras de que provieram; os brancos e êles próprios de madeiras fortes, seus inimigos, Guajá, de madeira frouxa. Uma árvore transmutada em mulher foi a mãe do segundo personagem mitológico em importância, exatamente aquele que vincula o criador, a seu povo, os KAAPOR, por um interesse mais vivo pelo seu destino. É, ainda, pelas árvores que o criador fala à sua criação na alegria que explica a perda da imortalidade.

Para sobreviver na mata os índios Urubus tiveram de recriá-la mentalmente, dar nomes às coisas, atribuir-lhes sentido, encontrar-lhes utilidade. De toda a infinidade de espécies que compõem a floresta amazônica êles selecionaram umas quantas como os frutos alimentícios, as matérias primas de seus artefatos, compreendendo desde madeiras para construir o arcabouço das casas ou simples arcos, até cipós e embiras para amarrar e tecer, fôlhas e palmas para embalar ou trançar, resinas e latex para colar, fazer fogo ou defumar, e, ainda, tintas venenos, e muitos outros.

Procurando relacionar somente as mais importantes, aquelas sem as quais - sua vida não poderia permanecer tal qual é, identificamos mais de cinquenta plantas (vide relação). E aí não está incluída a farmacopéia tribal pois somente esta compreende sessenta e sete mezinhas diferentes que são pelo menos seu consólio para todos os males físicos que os afligem. e Não é tudo, muitas outras espécies se impuseram à sua atenção por razões diferentes como as plantas utilizadas na alimentação dos animais que caçam - as madeiras mais e menos apropriadas para queimar, armar abrigos provisórios e inúmeros outros usos, além daquelas que foram integradas em sua mitologia.

A mesma elaboração mental foi realizada em relação à fauna, esta - também foi catalogada, recebeu nomes e significados. Elegeram algumas espécies para comer, cercaram outras de restrições e ainda proibiram completamente a utilização alimentar da maioria. Têm um profundo conhecimento - dos hábitos não só das espécies de que se utilizam na alimentação ou para fabricação de adornos e artefatos, mas de quase toda a fauna regional.

Esta representação mental do ambiente que além do revestimento florístico e da fauna compreende as várias classes de terras e pedras que - têm importância em sua vida, é a ciência, o saber tradicional dos índios Urubus que os guia na luta diária pela sobrevivência.

Sua aldeias são pequenas clareiras abertas na mata imensa, cuja - conservação exige vigilância e trabalho constante, pois, em poucos dias, - sobretudo na estação de chuvas, toda a área duramente conquistada à floresta, pode encher-se de mato. Cada aldeia conta com uma roça madura de - que se está servindo no momento, uma capoeira, nova onde ainda conta com alguma mandioca de replanta, capoeiras velhas onde vão frequentemente colher certos produtos ali plantados e uma roça nova, mais distante, para - onde a aldeia deverá transferir-se mais tarde. Estas mudanças se dão mais ou menos de cinco em cinco anos e na escolha da área de mata a derrubar se pondera sempre a conveniência do lugar para localização da aldeia: a existência de fontes de água mais ou menos pormenores, ser lugar não muito atacado por insetos e haver largas faixas de mata apropriadas para lavoura que permitam permanecer alguns anos no mesmosítio. Encontramos velhas capoeiras contíguas de tão grande extensão que, segundo nossos cálculos foram ocupadas pelos índios cerca de 15 anos. Vários fatores culturais, independentemente dos ecológicos influenciam estas mudanças.

A distribuição das aldeias é arbitrária, algumas são vizinhas embora vivam independentes, outras distam vinte e até cinquenta quilômetros das mais próximas. Embora não haja qualquer idéia de propriedade sobre o território tribal ou de divisão do mesmo entre os vários grupos locais, cada aldeia, na prática, cobre uma certa área em suas atividades de caça, coleta, e pesca, de modo que raramente os caçadores de grupos locais diferentes se encontram na mata. Esta divisão natural do território tribal foi possibilitada pela sua extensão e imposta pela necessidade que enfrenta - cada grupo de conhecer exaustivamente sua área para que as atividades econômicas sejam produtivas. Assim, cada índio conhece detalhadamente, numa larga extensão em volta de sua aldeia, todos os igaraós, águas permanentes frequentadas pelas caças, poços mais piscosos, concentrações de certas plantas como os açaiçais, bacabais ou mesmo árvores isoladas de cujos frutos se servem eles próprios ou são procurados pelas caças. A troca informal de observações sobre esta área constitui um dos principais temas das conversas noturnas dos homens. Mantém, desse modo, um controle permanente sobre a área de atividade, percebendo cada ocorrência que possa oferecer interêsse: uma árvore que enflorou e está sendo procurada por certos pássaros, um poço que baixou o suficiente para uma tinguijada, ou um barreiro que está sendo frequentado pelas caças.

A extensão desta área de atividades varia naturalmente com o número de pessoas que integram o grupo local, uma vez que mais gente exige e permite a abertura de maior área. Como não há qualquer pressão demográfica externa ou interna em jogo, suas dimensões são limitadas principalmente pela possibilidade de satisfazer as necessidades do grupo e a praticabilidade de cobri-la. Em geral não excedem em suas andanças uma distância maior do que podem percorrer de volta carregando a caça, os peixes e os frutos em um dia de marcha. Em certos períodos do ano é frequente a realização destas andanças em grupos familiares que passam na mata dias e até semanas, caçando, pescando e colhendo frutos para consumi-los ali mesmo, só regressando quando acaba o estoque de farinha que levaram. Então percorrem áreas maiores

Para o exame do ciclo anual de atividades de subsistência dos índios Uru- bus contamos com dados de observação direta que cobrem os meses de Setem-

bro a Março, faltando cobrir o período de Abril a Agosto sobre o qual somente contamos com informações indiretas.

Na região habitada por estes índios se pode distinguir quatro períodos do ano, funcionalmente importantes, conforme demonstra o diagrama. - Um período de chuvas que vai de Fevereiro a Maio, em que os aquaceiros caem diariamente e muitas vezes se emendam por semanas a fio com poucas horas de interrupção. Nêstes mêses tôda a mata está encharcada d'água e as enchentes, o frio e a umidade obrigam os índios a permanecerem mais tempo em casa, junto aos braseiros.

Segue-se o tempo das enchentes que, começando em Maio, se prolongam até Agosto, agolumando os igarapés, inundando os baixios, e, por fim, ilhabdo os índios nos tesos de suas aldeias. Para onde quer que se movam deparam com verdadeiros caudais, a transpor, exigindo a construção de pinguelas ou pontes de cipós para o transporte de qualquer carga.

em setembro os igarapés começam a baixar e em pouco tempo perdem tôda a água, reduzindo-se a pequenos cursos d'água. É o estio ou vazante que se prolonga até Novembro.

Choga então a sêca, os iguarapés já muito reduzidos vão secando e mesmo rios como o Turiassú e o Maracassumé, em seus altos cursos, começam a coalhar formando poções isolados. No fim dêste período as aguadas de que se servem as aldeias escasseiam tanto que mal dão para pubar a mandioca e se tornam tão pestilentas que muitas vêzes os índios se vêm obrigados a cavar poços no leito sêco à procura de água melhor para beber. Só com as primeiras enchurradas de Fervereiro lava-se esta água impregnada de mandioca fermentada e dos nenenos usados na inguijadas.

COLETA DE FRUTOS - a maioria dos frutos que têm importância alimentar para os índios amadurecem de Janeiro a Abril, Na realidade é só neste período que a floresta amazônica se apresenta dádiosa como nas descrições clássicas. De passo-a-passo encontram-se árvores cobertas dos frutos mais variados como o caju, o bacurí, a maçananduba, o piguí, o cacau, o genipapo, o cutitã, os côcos mucajá e outros, um pouco mais tarde amadurecem o cupuassú, o jaractiá que prolongam porenmente a estação das frutas (gráfico I e relação nominal).

Em todos os outros meses a mata é extremamente pobre de frutos, só se encontram algumas raras espécies e tôdas de pequena importância alimentar como o guarajá, o bacurí-panam e o jatobá, Mas exatamente neste período a mata fornece duas variedades de côcos que são dos mais importantes - produtos alimentícios: o açaí e a bacaba que os índios consomem em grande quantidade em forma de maceração, geralmente em mistura com farinha.

PESCARIA - O período do ano em que a pesca é mais produtiva e tem importância alimentar para os índios Urubus, vai de Setembro a Abril (gráfico II). Nos meses restantes os rios e igarapés estão demasiado cheios e com as águas muito turvas para que se possa pescar com as técnicas que conhecem.

Com a vazante começam as pescarias; a partir de Setembro os índios estão sempre atentos para os poços a fim de verificar quando chega o tempo propício para uma tinguijada coletiva. Para isto tôda a aldeia se desloca para junto do poço, colhem na mata os mais fortes timbós-decipó, vedam os pontos de escoamento com barragens de palmas trançadas e começam a esmagar as raízes ictiotóxicas. Inicia-se assim, a estação das pescarias coletivas cada uma das quais rende enormes quantidades de peixe de tôdas as variedades que êles conservam uma ou duas semanas no moquém sempre acessível. Estas reservas de peixes têm importância vital porque exatamente neste período os homens se ocupam na derrubada de novas clareiras na mata - para os roçados e vêm meses de penúria de alimentos protéicos.

A medida que os principais poços acessíveis vão sendo esgotados - passam aos menores em que usam o timbó-socaca, cultivado em suas roças. Finalmente, lá para Dezembro, as mulheres e crianças é que se ocupam das pescarias já pouco rendosas, usando o cunambi, também cultivado, em todos os remanços dos igarapés mais próximos, sempre que falta alimento animal para dar gosto à farinha. Em Janeiro, finalmente mesmo êstes poços estão quase esgotados, mas resta, ainda, o recurso de esgotar a água dos poços já explorados para colher os peixes que escaparam ou aquelas espécies que vivendo no lôdo são mais difíceis de apanhar.

Em Fevereiro volta a fartura de peixe com a piracema quando correm as primeiras enchurradas grandes pelas quais os igarapés retomam o fluxo permanente. Nesta ocasião pescam com flechas os grandes peixes de escama como o dourado, o tucunaré, o pacu e outros que sobem os igarapés com o

lombo à vista, para a desova. Durante algum tempo mais, até fins de Abril, enquanto as águas se mantêm limpas é produtiva a pescaria de flechas, daí por diante, esta mesma vai reduzindo-se até tornar-se impraticável com a chegada da estação das chuvas.

CAÇADAS - A caça obedece também a um ciclo estacional, senão tão rigidamente diferenciado, pelo menos muito pronunciado quanto à sua produtividade. Embora por motivos diversos, o ciclo de caça corresponde aproximadamente ao da pesca.

A caça começa a ser mais rendosa em Setembro, com a vazante, porque, desde então, se conta com lugares mais ou menos marcados na extensão da mara onde encontrá-la: as aguadas. e à medida que a vazante avança e rareiam as aguadas permanentes, ela vai se tornando mais fávil. É a primeira estação da caça de espera que se baseia no hábito que os animais têm de beber quase sempre no mesmos pontos. Uma vez descobertos êstes bebedouros que se denunciam aos olhos do índio pelos menores indícios, basta esperar que a anta, o veado ou que animal seja, venha dessender-se

Com as fortes batagens de chuva que caem em Dezembro torna-se possível a caça pro rastejamento, porque no terreno amolecido, as pegadas se imprimem mais fortemente, podendo ser seguidas com a segurança em longas distâncias. Estas mesmas chuvas, porém, têm um efeito mais profundo sobre as caçadas, de um lado, porque vêm permitir o amadurecimento das frutas preferidas pela caça e, do outro, porque marcam o início da estação de chuvas que torna impraticável a espera nas aguadas, porquanto tôda a mata vai aos poucos se inundando.

Começa, então, o período de espera nas fruteiras que é tão produtivo quanto o das aguadas e se prolonga até abril. Daí por diante vão escasseando cada vez mais os alimentos de origem animal, pois, as pescarias tornam-se impraticáveis e as caçadas são extremamente dificultadas pela enchente dos rios que estorva a marcha e pela falta de qualquer ponto de referência que permita encontrar os animais dispostos pela mata.

Raramente usam armadilha, preferindo esperar a caça em pessoa no lugar onde julgam que ela possa surgir. Embora criem grande número de cachorros, praticamente êles só lhes prestam serviços na procura de jabotis que é mais coleta do que caça, na busca de animais feridos que escaparam e na localização de tocas de caititus, pacas e cotias, tuís. Quando estão

no rastro de um veado, anta ou outro animal de porte, tomam, muitas vezes o cuidado de amarrá-los para evitar que espantem a caça e seguem sôsinhos confiantes em seus próprios recursos.

A caça aos pássaros para obtenção das penas com que fabricam seus magníficos adornos plumários constitui atividade constante e das mais exaustivas. Com êste objeto estão sempre vigilantes para as árvores de cujas flores ou frutos as espécies mais reputadas se alimentam a fim de apanhá-los. A importância dos adornos plumários em certos cerimoniais, além do prestígio de que desfrutam aquêles que possuem peças mais elaboradas, são os motores desta atividade passarineira que consome longos dias de trabalho de todos os homens. Os esforços para obter certas espécies como owí-meên, uma cotinga (Cotinga cayana, L.) em que predomina o azul-claro, usada em diversos adornos, são responsáveis pelo maior número de acidentes que constatamos. Soubemos de alguns casos fatais e conhecemos dois homens inutilizados por quedas de árvores, ocorridas nesta busca de penas raras.

LAVOURA - A derrubada da mata para o cultivo constitui a tarefa mais extenuante que enfrentam os índios Urubus, agravada ainda pela circunstância de que se processa de Setembro a Novembro, quando apenas começam a sair da quadra de maior penúria alimentar. É também a atividade de rendimento menos imediato, uma vez que só dará frutos um ano após o plantio. Mas, por outro lado, tem a importância excepcional de constituir sua única reserva de alimentos disponível em qualquer tempo.

Os índios Urubus cultivam vinte e oito plantas diferentes (vide relação), a maioria delas destinada à alimentação. Mais de 80% da área de seus roçados, entretanto, é destinada à mandioca que constitui a base de sua alimentação. É consumida principalmente como farinha fermentada que ingerem na forma de farofa com carne ou peixe e de chibé, bebida que consiste simplesmente de farinha suspensa em água. Preparam-na lavando a farinha em várias águas até que perca tôdas as partículas lenhosas e deixando entumecer um pouco, sem, contudo, dissolver-se. Sempre que possível êles temperam o chibé com frutas em maceração, formando um mingau. Êste é o modo mais comum de comerem frutas, principalmente banana, bacurí e os côcos açai e bacaba.

Além de algumas variedades de mandioca venenosa usada no fabrico da farinha, cauim e beijus, cultivam o aipim e uma mandioca de raízes grandes e aquosas (maniaká) usada para fazer um mingau adocicado por redução do sumo ralado e coado. Entre as eiras do mandiocal cultivam batata doce em quantidades ponderáveis, mas que não chegam para o consumo durante todo o ano (6).

O milho é também plantado assim, mas em pequenas quantidades. Somente o consomem ainda mole, cozido, assado ou em mingau; cultivam uma variedade que dá pipocas. Em seus roçados encontram-se ainda, algumas variedades de fava, amendoim, melancia, jerimum, maxixe e pimenta. Nas capoeiras frutifica o mamão, o cajú, o ananás, a banana, e certas árvores como a cueira e o urucú e canas para flechas. Plantam, ainda, perto das casas, para colher mais facilmente, o tabaco, cabaças, algodão e curauá para tecelagem e cordaria cunambi e timbó-sacaca para tinguijadas, contas de santa-maria e uma outra variedade a que chamam auay para o fabrico de colares e piripirioca, uma gramínea cujas raízes aromáticas usam no colares como preventivo de certas doença.

Encontramos, também em suas roças algumas touceiras de cana de açúcar, e, nas capoeiras, alguns limoeiros cujas mudas e sementes os índios obtiveram antes da pacificação, mas em tempos que ainda recordam,

A lavoura fornece aos índios Urubus as quantidades mais substanciais de alimentos que consomem. Seus produtos são especialmente importantes no período de Maio a Agosto quando dependem quase exclusivamente deles por se encontrarem ilhados pelas enchentes e não contarem com suprimentos regulares de caça, pesca ou coleta. Constitui, pois, no sistema adaptativo dos índios Urubus, um mecanismo de estabilização das condições de vida em face das variações estacionais da floresta tropical. A roça é o depósito da aldeia para o qual se voltam sempre que necessário. A mandioca, seu principal produto cultivado presta-se particularmente a este objetivo porque não exige nenhuma técnica de preservação ou estocagem, conserva-se na própria roça como reserva sempre disponível para transformar-se em farinha e garantir a subsistência.

OUTRAS ATIVIDADES ESTACIONAIS - No ciclo anual de atividades são também remarcáveis as quadras de festas e de expedições. As primeiras coincidem com o período de amadurecimento do jacaju cultivado (Outubro a Dezembro) e selvagem (Janeiro a Março) que fornecem a cauím preferido. Embora utilizem também a mandioca e a banana no preparo destas bebidas fermentadas, fazem recair as cauímagens quase sempre neste período.

Pela mesma razão êste é o período das expedições tanto das antigas correrias guerreiras como das simples expedições de pesca ou visitas de aldeia em aldeia. Especialmente os meses de Novembro a Janeiro quando, terminado o preparo dos roçados, a mata ainda está sêca, facilitando a marcha e apresentando um grande número de aguadas e poções noas quais é quase certo encontrar caça e pesca.

O estudo do ciclo anual das atividades de subsistência dos índios Urubus revela grandes variações estacionais, permitindo distinguir nitidamente um período de grande fartura que vai de Dezembro a Março quando a mata é mais rica de frutos e as caçadas e pescarias são mais produtivas e um período de verdadeira penúria. Êste se prolonga de Maio a Agosto - quando dependem quase exclusivamente dos produtos cultivados para a alimentação, padecendo verdadeira carência de alimentos de origem animal.

A quadra de fartura coincide, obviamente, com o período de festas e de atividades sociais mais intensas. Na de penúria o grupo local está voltado sôbre si mesmo, são mais intensas as atividades artesanais, os homens ficam mais tempo em casa ocupados na confecção de adornos plumários, armas e outros artefatos.

As variações das condições de vida nêstes dois períodos são tão pronunciados que um estudo do sistema adaptativo dos índios Urubus baseado na observação de um só dêles uma idéia completamente deformada: ou uma visão quase idílica das riquezas da mata amazônica como habitat humano - ou o oposto, a idéia de um povo que padece das mais duras condições de vida, dividindo, como vimos fazer, entre vinte ou o dobro de pessoas, um pequeno peixe socado em tanta farinha que em cada porção mal se percebe um longínquo sabor.

A análise da sucessão temporal e das relações recíprocas das atividades de subsistência permitiu enquadrá-la em períodos bem diferenciados revelando tôda a relevância das variações estacionais na floresta tropical.

Dentro dêste enquadramento temporal é que o equipamento de ação - sôbre a natureza pode ser compreendido em seu verdadeiro sentido de ajustamento às variantes estacionais, que preenche as condições de sobrevivência dos índios Urubas. As diferentes técnicas de caça, de pesca e de coleta, bem como a lavagem, devem ser compreendidas não como alternativas culturais livres, mas como um verdadeiro sistema adaptativo congruente relacionado com as condições naturais da floresta tropical.

NOTAS :-

(1) Raimundo Lopes Os Tupis Do Gurupy - Actas del XXV Congresso Internacional de Americanistas, La Plata 1932, I, Buenos Aires, 1934, - pgs. 139-171.

(2) Darcy Ribeiro - "Atividades Científicas da Secção de Estudos do serviço de Proteção aos Índios". - Sociologia, Vol. XIII, nº 4. São Paulo, Outubro de 1951.

(3) Curt Nimuendajú - "The Turiwara and Aruã" in Handbook of South American Indians - vol. III, Washington, 1948, pg. 193.

(4) Gustavo Dodt - Descrição dos Rios Paranaíba e Gurupy - Col. Brasiliana, vol. 138. São Paulo, 1939.

(5) Maguel Arrojado Lisboa - O Rio Gurupy e sua Minas de Ouro - Bol. nº 7 do Serv. Fom. Prod. Mineral, Rio, 1935.

(6) Segundo informações cultivam também o mangarito (Xanthosoma Sagittifolium,)